

# O pensamento jornalístico de Danton Jobim

Por Marcia Furtado Avanza

*"Danton Jobim, jornalista da democracia e senador da liberdade."*

Opúsculo de Leodegário Azevedo Filho

## 1. Introdução

O pensamento jornalístico de Danton Jobim pode ser traduzido em uma palavra: simplicidade. Sua luta era por uma linguagem jornalística que pudesse ser bem compreendida por todos. Por isso, e por toda sua contribuição ao jornalismo - seja como repórter, seja como professor ou como político -, é que Jobim tem um lugar de destaque dentro da história do jornalismo brasileiro.

Sua trajetória foi significativa. Com 17 anos já atuava como repórter de um jornal ligado ao Partido Comunista Brasileiro - PCB. Mas, segundo ele mesmo, foi no jornal A Noite, fundado por Irineu Marinho, que aprendeu o jornalismo e o planejamento gráfico.

E a partir deste conhecimento é que pôde inovar o jornal A Manhã, de Mário Rodrigues, introduzindo métodos novos de paginação, considerado avançados para padrões da época. Naquele jornal reuniam-se colaboradores ilustres como Antônio Torres, Monteiro Lobato, Medeiros e Albuquerque, Agripino Grieco, Ronald de Carvalho, Maurício de Lacerda e José do Patrocínio. Além de Danton Jobim, a turma da casa era formada por Orestes Barbosa, Renato Viana, Joracy Camargo, Odilon Azevedo e Henrique Pongetti. Nelson Rodrigues, filho do patrão, começava sua carreira como repórter policial. Outra figura de A Manhã era Apparício Torelly - Apporely - que mais tarde se autodenominaria "Barão de Itararé" e fundaria seu próprio jornal, A Manhã.

Na década de 50, onde as redações dos jornais funcionavam como verdadeiras escolas de jornalismo, Jobim inovou novamente: como diretor do Diário Carioca, introduziu, junto com Pompeu de Souza, uma nova feição gráfica e técnica, que tinha como ponto principal a adoção do "lead" norte-americano, atenuado pelo brasileiro "sublead" criado por Luis Paulistano.

Nilson Lage lembra, em suas Apostilas de Jornalismo, que:

"No caso específico do Diário Carioca, a reforma editorial, conduzida por Danton Jobim e Pompeu de Souza na década de 50, consistiu não apenas da introdução da técnica do lead, mas também de uma série de inovações que correspondiam à modernização do idioma escrito. O Diário incorporou formas de escrever - escolhas léxicas e gramaticais - difundidas a partir da Semana de Arte Moderna de 1922 por autores que objetivavam aproximar o texto literário da fala brasileira. Por exemplo: dizer que alguém mora "na rua X" e não "à rua X", limitar o tratamento cerimonioso, eliminar do texto palavras em desuso (como edil ou alcaide) e formas gramaticais em extinção no idioma, como as mesóclises, os realizar-se-á, os far-se-ia ou os da-me-lo-iam.

O lead do Diário Carioca lembra mais o texto dos jornais ingleses do que o dos jornais americanos, particularmente porque os períodos são mais longos do que na imprensa dos Estados Unidos. Houve certamente transposição para o ritmo do idioma português do princípio formulado por Laswell - a resposta às perguntas quem fez, o que fez, onde, quando, como e porque/para que."

A nova maneira de escrever foi, em princípio, para o Jornal do Brasil, tradicional veículo carioca. Lá, no final da década de 50 e nos primeiros anos da de 60, o estilo de texto se fixou, associando-se a uma nova estética gráfica. Apenas no início da década de 70 é que os outros grandes jornais do Rio de Janeiro - como O Globo - e de São Paulo - O Estado de S. Paulo e a Folha de S. Paulo - adotariam algumas das normas de redação lançadas pelo Diário Carioca. Pouco depois, a imprensa de todo o País também adotava o mesmo modelo.

Mais que um estilo, o Diário Carioca formou uma geração de jornalistas que levou o novo formato de texto para os grandes jornais brasileiros. A esse respeito, Alberto Dines comentou em entrevista que atualmente o clima é de tanta competitividade nas redações que não há espaço para o aprendizado da profissão, como teve o privilégio no Jornal do Brasil, convivendo com Danton Jobim, Jânio de Freitas e Evandro Carlos de Andrade, entre outros.

Lage (2002) também relembra esse período:

Há certas lembranças que, embora não sendo íntimas, adoráramos guardar para nós mesmos. Exporíamos ao mundo somente outras, promissoras ou engraçadas, que alimentam esperança, alegria ou entusiasmo.

Assim com o Diário Carioca: o introdutor no Brasil do lead, da uniformidade gráfica, de padrões lingüísticos decorrentes do movimento de renovação literária da Semana de Arte Moderna; a redação em que conviviam Pompeu de Souza, Luís Paulistano, Carlos Castelo Branco, Jânio de Freitas, Nilson Viana, Evandro Carlos de Andrade, José Ramos Tinhorão, Luís Edgar de Andrade, Oscar Maurício de Lima Azedo; o lugar em que, afastadas as mesas no final do expediente, começo da madrugada, jogava-se futebol com bola de meia; o inventor da sigla JK e que pela primeira vez contou a história do mineiro que comprou um bonde de um carioca vigarista; o veículo dos artigos políticos de J. E. de Macedo Soares e de Danton Jobim; meu primeiro emprego, em 1955, quando pretendia custear o estudo de medicina, e descobri o jornalismo.

Mas a trajetória de Danton Jobim não se restringiu à prática do jornalismo. Como professor e pesquisador em um período com pouca tradição de pesquisas na área, ele trabalhou para mostrar a importância da investigação e da formação superior de jornalista em um curso culturalmente amplo, que proporcionasse a aprendizagem de jornalismo como parte do amplo campo de estudos da Comunicação sob vários pontos de vista: sociológico, histórico, político, econômico, etc, instrumentos utilizados para alcançar ampla compreensão do fenômeno jornalístico.

Marques de Melo explica que Jobim foi responsável pela matriz francesa na estrutura inicial do precursor curso de Jornalismo da então Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ), em razão de sua vinculação com o diretor do Instituto Francês de Imprensa, Jacques Kayser. Esse relacionamento contribuiu para que essa raiz francesa permanecesse nos cursos que se seguiram.

Sobre a pesquisa no campo de Jornalismo, Gonçalves (2002) lembra que:

"Desde o aparecimento da primeira edição do clássico O problema da Imprensa, de Barbosa Lima Sobrinho, em 1922, até o surgimento do sistema de pós-graduação, no final dos anos 60, a pesquisa em jornalismo em nosso país dependia de esforços individuais de profissionais talentosos como o próprio Barbosa Lima Sobrinho, Carlos Rizzini, Luiz Beltrão ou Danton Jobim. O lançamento das condições para o desenvolvimento da pesquisa conceitual no campo veio apenas com a geração de pesquisadores formada nos cursos de pós-graduação, tendo destaque nomes como

Marques de Melo, Muniz Sodré, Nilson Lage, Ciro Marcondes e Cremilda Medina, entre outros".

Como pesquisador, Danton Jobim obteve reconhecimento internacional. Com passagens por instituições europeias e americanas, foi o responsável pela cátedra de Metodologia de Ensino de Jornalismo, no CIESPAL. Recebeu a Medalha de Ouro do "The Maria Moors Cabot Prizes", da Columbia University - Graduate School of Journalism, em 1954.

Jobim entrou na ABI em 1926, tornando-se um dos conselheiros mais destacados. Uma de suas grandes lutas foi pela liberdade de imprensa.

Sobre cada um desses perfis de Danton Jobim faremos uma breve cronologia.

"O jornal moderno não tem dois séculos e o repórter é de ontem"  
Danton Jobim

## 2. Biografia

Danton Pinheiro Jobim nasceu em Avaré, estado de-São Paulo, no dia 8 de março de 1906. Era filho de Francisco Antenor Jobim, juiz de direito, e de Joaquina Pinheiro Jobim. Seu irmão, José Jobim, foi jornalista e diplomata, e chegou à Embaixada do Brasil no Paraguai entre 1958 e 1959. Seu avô materno foi José Gomes Pinheiro Machado, senador pelo Rio Grande do Sul entre 1891 a 1915, figura exponencial na política brasileira. Foi casado com Nadir Pena Magalhães Fausto, com quem teve 2 filhos

Cursou o primário no grupo escolar de Itápolis e o secundário no Instituto Lafayette, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Completou seus estudos preparatórios no Colégio de Juruena de Matos, onde foi aluno de Austregésilo de Ataíde, que viria a ser presidente da Academia Brasileira de Letras, a partir de 1959. Cursou a Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro

Morreu no Rio de Janeiro, em 26 de fevereiro de 1978, em pleno exercício do mandato parlamentar como senador do estado do Rio de Janeiro e da presidência da ABI.

Alceu Amoroso Lima caracterizou-o como alguém que "sem ser temerário, foi sempre um vanguardista"

### 2.1 Danton Jobim - O professor

"Um jornalista (..) tanto precisa dos conhecimentos básicos na sua profissão como de uma cultura geral de nível universitário."  
Danton Jobim

Em 1948, foi um dos fundadores do curso de jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, que mais tarde daria origem à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em 1953, foi convidado pela Universidade do Texas para dirigir um seminário sobre jornalismo mundial comparado.

Em 1957, realizou uma série de conferências na Sorbonne, no Instituto de Altos Estudos sobre a América Latina e no Instituto de Estudos Políticos, todos sediados em Paris, sobre o tema introdução ao jornalismo contemporâneo.

De 1958 a 1963, lecionou didática do jornalismo no CIESPAL, em Quito.

Foi vice-diretor da Escola de Comunicação da UFRJ até 1970 e professor titular até 1976, quando deixou o magistério.

Obras do autor:

- Problemas do Nosso Tempo(1938)
- Para onde vai a Inglaterra? (1942)
- José Bonifácio, Conferências (1942)
- A Experiência Roosevelt e a Revolução Brasileira (1941) - publicado em inglês com o título "Two Revolutions"
- O Ciclo da Doutrina de Monroe ( 1956)
- Introduction ao Jornalismo Contemporâneo, (1957)
- Espírito do Jornalismo (1960)
- Pedagogia Del Periodismo(2v 1961)

## 2.2 Danton Jobim - O político

"Jobim só aceitou postos políticos quando viu sem perspectivas sua carreira de jornalista profissional"

Barbosa Lima Sobrinho

Iniciou a carreira jornalística no Rio, em 1923, na redação de O Trabalho, jornal vinculado ao PCB. Segundo Alceu Amoroso Lima, foi um dos primeiros "alistados".

Em 1926, entrou para a ABI, mas continuava ligado à militância política e, segundo Leodegário de Azevedo Filho, "chegou a representar a classe dos jornalistas no PCB".

Representou o PCB na I Conferência Latino-Americana dos Partidos Comunistas, realizada em Buenos Aires, em 1929.

Em 1934, rompe com o PCB e torna-se responsável pelos editoriais políticos, resistindo, segundo ele, a todas as tentações de posicionar-se "à esquerda ou à direita".

Em 1937, apoiou a implantação do Estado Novo.

Em 1938, foi nomeado diretor do Departamento de Propaganda e Turismo do estado do Rio de Janeiro, pelo interventor federal Ernani Amaral Peixoto.

Mais tarde, passou a combater o regime de exceção que aboliu a liberdade de imprensa e censurou, através do DIP, muitos editoriais de sua autoria. Engajou-se na campanha pela redemocratização do país.

Em 1939, foi comentarista do programa A marcha da guerra, em cadeia nacional de rádio sob o patrocínio norte-americano. Nesse período trabalhou com o tenente-coronel Humberto Castelo Branco, mais tarde presidente da República.

Com a reorganização partidária, em 1945, filiou-se ao Partido Republicano, liderado pelo ex-presidente Artur Bernardes, defensor da candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República.

Foi conselheiro de imprensa da Presidência da República durante o governo de JK (56-61).

Com a extinção dos partidos pelo Ato Institucional nº 2 (27/10/65) e a posterior implantação do bipartidarismo, filiou-se ao MDB

Concorreu ao Senado pelo estado da Guanabara em 1966, sendo derrotado por Mário Martins, seu companheiro de partido.

Em 1970, apoiado pelo governador da Guanabara, Antonio de Pádua Chagas Freitas, foi eleito para completar o mandato do Senador Mário Martins, cassado em 1968 pelo AI5.

Nesse período, deixou a direção da Última Hora e a vice-diretoria da Escola de Comunicação da UFRJ

Foi reeleito para o Senado, em 1974, com 1,25 milhão de votos.

### 2.3 Danton Jobim - O jornalista

Danton Jobim "escrevia sem empolamentos. Suas frases são curtas. Seu vocabulário é acessível. Para ele, depois da concisão, a virtude que mais agrada o leitor é a simplicidade de estilo. Quem é simples no estilo é claro no dizer".  
Carlos Eduardo Lins de Silva

Iniciou a carreira jornalística no Rio em 1923, na redação de O Trabalho, jornal vinculado ao PCB.

Transferiu-se em seguida para A Noite, jornal fundado em 1911 por Irineu Marinho, onde, segundo ele mesmo, aprendeu o jornalismo e o planejamento gráfico.

No jornal A Manhã, fundado em 1925 por Mário Rodrigues, introduziu métodos novos de paginação, considerado avançados para padrões da época. Entrou na ABI em 1926, tornando um dos conselheiros mais destacados.

Em 1929, foi com Mário Rodrigues para A Crítica. No mesmo ano, foi contratado por Chateaubriand para secretariar o Diário de São Paulo.

No início da década de 30 voltou a trabalhar em diversos jornais cariocas (A Batalha, Diário de Notícias e A Esquerda).

Em meados de 1931, trabalhou na Agência Meridional de Notícias, vinculada aos Diários Associados

Em 1932, transferiu-se para o Diário Carioca, passando de redator político para secretário de redação e diretor de redação, onde trabalhou 33 anos, até o jornal ser extinto.

Em 1952, recebeu o prêmio Maria Moors Cabot, da Universidade de Colúmbia, como destaque na luta pela liberdade de imprensa.

Em janeiro de 1965, assumiu o cargo de diretor-presidente da Última Hora, substituindo Samuel Wainer, cujos direitos políticos tinham sido cassados pelo regime militar. Nessa fase, a cobertura internacional passou a contar com o direito de reprodução dos artigos e reportagens das maiores publicações européias, como Le Monde, L'Express, L'Evènement e New Statesman. Última Hora lançava assim a seção "Jornal do mundo".



Diário Carioca RJ. 12 de fevereiro de 1952  
Danton Jobim - Diretor Redator Chefe

Nação Indefesa

Oficialmente, nossas relações com a República Argentina são as melhores possíveis. A julgar pelo tratamento privilegiado que dispensamos ao governo do país vizinho, tudo vai bem, no melhor dos mundos. Não sabemos até que ponto o chanceler João Neves estará comprometido nessa política de agradar sistematicamente o general Perón, ajudando-o a safar-se de suas tremendas dificuldades. Afirmar-se que o próprio sr. Getúlio Vargas foi quem assumiu a iniciativa de estender a mão ao presidente "descamisado." De outro modo não se explica a rapidez com que o sr. Batista Luzardo assentou as bases do convênio, comercial com a Argentina, que o sr. Ernandes Filho, estigmatizou da tribuna do senado. Em primeiro lugar, salientou o sr. Bernardes Filho a falta de reciprocidade no tratamento que damos a uma nação de níveis econômico iguais ao nossos, como a grande república do Prata.

O Brasil está passando por uma crise muito séria. Essa crise vem de longe e jamais encontraremos da parte do atual governo de Buenos Aires a menor boa-vontade para socorrer-nos em momentos duros que, felizmente, já passaram. Quando faltou-nos trigo, pôs-nos a garrucha nos peitos e elevou o preço desse alimento básico de 25 para 60 cruzeiros.

Entretanto, o Brasil tudo tem feito para auxiliar o presidente Perón, firmando com ele alguns convênios desvantajosos para nós. Assinaríamos agora um acordo sui-generis, em que até os juros da dívida Argentina para com o Banco do Brasil são pagos, na sua parte substancial, pelo Tesouro Brasileiro. Acentou o sr. Bernardes Filho que a Argentina adota um câmbio para cada classe de produto, ficando o Brasil com um só câmbio, em situação de vergonhosa inferioridade.

Tem razão o senador mineiro. Veja-se o caso do mate. A Argentina, à dutilidade do seu câmbio, pode vencer a nossa "hevea" ao Uruguai, por exemplo, mais barato do que nós obtendo assim divisas em nosso detrimento e à nossa custa.

A sensação é de que o Brasil estava completamente indefeso diante dos negociadores de Perón.

Por outro lado, não parece que haja, realmente reciprocidade, da parte de Perón, em face dessa generosa atitude. Os incidentes de fronteira provocados por força da gendarmeria Argentina se sucedem. Na ponte internacional em Xapecó, em São Luiz Gonzaga.

Neste último município houve um morto e dois feridos, todos alvejados na margem brasileira. O "Correio do Povo" de Porto Alegre, jornal sóbrio e conservador narra detalhadamente o incidente, acrescentando "Sabe-se que os autores de mais essa atrocidades foram membros da gendarmeria Argentina,, os quais são useiros e veseiros em aproveitar a costa brasileira e embarcações brasileira como alvo de suas armas."

No município catarinense de Xapecó verificou-se, em 24 último, a inversão do distrito de São Miguel do Oeste por força da policia nacional de Perón.Ora, o governa da república está no dever de dar uma explicação ao povo brasileiro sobre as medidas que tomou, efetivamente, para apurar esses incidentes que nos colocam na posição humilhante de nação indefesa., cujas fronteiras podem ser violadas ante a indiferença dos que deveriam zelar pelo nosso pundonor nacional e nossa sabedoria. Perón não faz o menor caso dessas tropelias, tanto que elas se repetem.O Itamarati simplesmente as ignora.

Sabemos que certos incidentes fronteiriços são inevitáveis e não devem comprometer as boas relações entre Brasil e o grande povo argentino. Mas o nosso governo tem o dever de investigá-los, com presteza, apresentando reclamações quando for o caso. Sobretudo não é essa a hora de premiar com favores especialíssimos a ditadura de Perón.

### 3. A reforma do Diário Carioca

"A reforma revolucionou o jornalismo impresso brasileiro"

"O que o leitor exige do jornalista é que este lhe explique, enciclopédica e profeticamente, tudo o que de significativo está acontecendo e vai acontecer"

Danton Jobim

A reforma do estilo da imprensa brasileira começou na década de 1950, no Diário Carioca, de forte tradição política e orientação conservadora.

Danton Jobim e Pompeu de Souza arregimentaram um grupo de jovens, vindos quase todos de diferentes cursos universitários, para introduzir no Brasil as técnicas de redação originalmente desenvolvidas nos Estados Unidos.

A aspiração de modernidade adequava-se ao espírito desenvolvimentista da década e correspondia à influência do estilo das agências de notícias internacionais (France Press, United Press, Associated Press, principalmente), cujos telegramas traduzidos os jornais transcreviam.

Com a Segunda Guerra Mundial e, em seguida, a guerra fria, esses telegramas ocupavam espaços privilegiados, em conflito estilístico claro com as matérias locais.

Por outro lado, as técnicas modernas de redação eram conhecidas de número restrito de jornalistas com experiência no exterior.

Casos como de Joel Silveira e Rubem Braga, correspondentes de guerra junto à Força Expedicionária Brasileira, na Itália, ou o próprio Pompeu de Souza, que trabalhou como redator de um noticiário da Columbia Broadcasting System (CBS) dirigido ao Brasil, entre 1941 e 1943.

Segundo Nilson Lage, do Diário Carioca a nova maneira de redigir migrou - na verdade, foram os redatores que migraram - para o Jornal do Brasil, veículo

tradicional (fundado em 1891, com orientação monarquista) que se decidiu a fazer uma reforma editorial.

Lá, no final da década de 50 e nos primeiros anos da de 60, o estilo de texto se fixou, associando-se a uma nova estética gráfica.

Características da reforma do Diário Carioca:

1. A adaptação do lead à língua portuguesa evitando, por exemplo, o estilo uma proposição por período, que é ainda hoje norma imposta na Folha de São Paulo, e dá aos textos aspecto telegráfico, de leitura cansativa. Para isso, foram consultados outros modelos de adaptação, principalmente dos jornais ingleses e franceses;

2. a incorporação progressiva de usos propostos, na literatura, pelos modernistas de 1922, para aproximar a escrita da fala corrente brasileira. Nessa linha, as pessoas deixaram de morar à Rua X para morar na Rua X. Os tratamentos tornaram-se menos cerimoniosos; passou-se, aos poucos, a escrever o nome das pessoas sem a precedência de um título - senhor, senhora, doutor, excelência, dona e, para os desqualificados, o estranho indivíduo. (Nilson Lage)

Os redatores do Diário eram leitores constantes de autores modernos, particularmente de Graciliano Ramos, cujo estilo enxuto tomava-se como modelo.

4. O pensamento jornalístico de Danton Jobim

Danton Jobim deixou claro seu pensamento jornalístico no livro "Espírito do Jornalismo", publicado em 1960. É a partir de seu próprio texto, e ninguém poderia explicar melhor do que ele próprio, que fizemos recortes sobre o pensamento de Jobim sobre o jornalismo.

#### 4.1 Jornalismo e opinião pública

Para Jobim, a opinião pública se forma pela informação, "e esta pressupõe o conhecimento e a interpretação dos fatos. Em contato permanente com os semelhantes os homens formam seus juízos mediante troca de notícias e de idéias através da conversação, de que o jornal é a forma organizada".

Ele acreditava que não poderia se confundir o público com a massa. Segundo ele, o público "não é homogêneo em sua composição - por força dos diferentes graus de cultura e status social - deve-se admitir que há vários públicos, cada um reagindo de modo distinto em face da ação que se exerça sobre eles". Por isso achava que os jornais deveriam ser segmentados, feitos para o seu público e não para o público de uma forma geral.

Danton acreditava que a imprensa de tipo médio, que mantinha ao mesmo tempo um padrão conservador e sensacionalista era a imprensa que conseguia atingir um público maior. "E é justamente o seu ecletismo que lhe assegura grande circulação".

Mas um jornal poderia ter uma "circulação bem mais restrita que a de outro e gozar de maior prestígio que este sobre a opinião das elites dirigentes do país". Jobim justificava a causa disso, em grande parte, pelas opiniões expressas nos editoriais e pela política que o jornal sustentava.

Até porque Jobim acreditava que a maioria dos leitores não lê editoriais. E a razão é que estes não são escritos para eles. São escritos para uma minoria que é



responsável pela liderança da comunidade. Mas mesmo escritos para uma minoria, ele achava que "os mais apreciados, em tempos normais, são os que convidam o leitor a raciocinar, não se dirigindo a ele como se se tratasse de falar a um auditório (...)".

Embora reconhecesse a força dos editoriais, Danton reforçava que a notícia concorre com o editorial na formação da opinião pública, embora também a publicidade e as relações públicas tenham o mesmo papel.

Em seu livro, ele repete um político britânico do século XIX: "Dê-me o controle de suas colunas de notícias e pouco me importa quem escreva os seus editoriais ou o que estes digam de mim". Explica que embora Getúlio Vargas e Juscelino Kubtchek não tivessem o apoio dos veículos, foram eleitos da mesma forma, porque eram notícia. E o jornal não pode deixar de dar notícias. Sobre isso, Jobim escreveu:

"No jornal contemporâneo, o homem que se faz notícia, que passa a ocupar um lugar na imaginação e na curiosidade das massas, tem garantidas a repetição constante de seu nome e a publicidade de seus feitos ou palavras."

Mas Jobim lembra que, além do jornal, hoje existem outros instrumentos de comunicação com as massas que não a imprensa. Para ele, o rádio, a televisão e o cinema são veículos que concorrem com os jornais na transmissão da notícia e que aumentam a "possibilidade do acesso ao público à cena do acontecimento".

Por isso, acreditava ser urgente a proteção do público contra informações que poderiam ser manipuladas por esses meios, principalmente por causa do forte alcance. "Parece evidente a necessidade de proteger esses novos meios de ação sobre a opinião pública, pondo-os a salvo da opressão e da falsificação deliberada".

## 4.2 Jornalismo e técnica

A pressão do tempo sobre o trabalho do jornalista foi causada, segundo Jobim, pelo progresso que as máquinas tiveram na composição e na impressão. Mas ele compreendia que essa inovação mexeu com o trabalho da imprensa, forçando o jornalista a encontrar meios de chamar a atenção do leitor.

"Os jornalistas deste último meio século tiveram de adotar as suas técnicas de redação e a apresentação da matéria a novas condições, que reclama certos artifícios ou truques para forçar a atenção de um leitor distraído por mil solicitações diferentes".

Sobre o texto do repórter, Jobim dizia que "ser amável com o leitor é ser conciso, sem prejudicar a riqueza e a objetividade do relato jornalístico". Ele acreditava que escrevendo dentro de um padrão o estilo repórter melhorava. Mas reconhecia que o grande "drama do jornalista é que ele não pode se calar quando quer", mostrando que escrever pouco era uma das grandes dificuldades do jornalista.

Mas o bom texto não se resumia à concisão. Jobim lutava pela simplicidade de estilo, que acreditava agradar muito mais ao leitor. "Quem é simples no estilo é claro no dizer".

### 4.2.1 Editorial

Sobre o editorial e a opinião no jornalismo, embora reconhecesse sua necessidade, Jobim era extremamente crítico. Ele acreditava que "talvez o artigo de fundo ideal

seja aquele que se possa resumir em dois parágrafos: o primeiro enunciando a tese, numa frase curta, e o último confirmando-a, numa frase incisiva, que seria a ampliação da primeira".

As mudanças na redação e a manipulação das notícias dentro do jornal, mereceram dele os seguintes comentários:

"As notícias chegam ao público depois de manipuladas no laboratório da redação. Esta deixou de ser um ajuntamento de literatos boêmios para constituir um corpo de trabalhadores especializados em transformar a matéria-prima fato no produto acabado notícia. (...)

O processo de reescrever a matéria não pode ser dispensado numa redação de hoje. Antes de tudo, a valorização do espaço das edições exige que se resumam as notícias. Em segundo lugar, o acúmulo de notícias reclamando a atenção do leitor impõe que se lhe facilite a leitura, estabelecendo uma hierarquia (...).

Por isso Jobim contestava as novas técnicas de valorização ou dramatização das notícias, sempre buscando o sensacionalismo. Ele achava que esses novos truques de estilo não levavam à melhor informação. Pelo contrário, fazia com que os jornalistas se afastassem cada vez mais da informação correta e exata.

#### 4.2.2 Estilo

Sobre o estilo no jornal, Jobim dizia que não existe uma linguagem especial. Novamente, apelava para uma linguagem simples que pudesse levar o leitor à compreensão dos fatos:

"Na verdade, não há uma linguagem de jornal. O jornalista não escreve numa língua especial, mas no bom português, no bom francês, no bom inglês ... tão bom quanto lhe permita o domínio da língua e a necessidade da improvisação. (...)

Aos focas (..) ensinam eles uma dúzia de chavões, que consideram "estilo de jornal".

Estilo jornalístico, para ele, era se colocar no papel do leitor do jornal e imaginar o que ele gostaria de ler: "(...) é mera questão de approach, ou seja, do ângulo em que nos colocamos e presumimos ser o do leitor do jornal. Nesse sentido estrito, mas só nele, é aceitável a sua existência".

Mas Jobim era um crítico feroz do jornalista que procurava fazer do jornal seu espaço de experiências estilísticas. Por isso a recomendação de que o escritor que se fazia jornalista deveria resistir "à tentação de usar o jornal como campo de provas de teorias e estilos".

Sua preocupação com a facilitação do entendimento do texto fazia com que buscasse uma simplificação quase esquemática do conteúdo e de forma. Para ele, o texto:

"Requer uma ordem, nem sempre lógica, no dispor os elementos de uma narrativa, que visa introduzir o leitor na essência da matéria logo que lhe inicia a leitura. E, além disso, mais três qualidades: concisão, concisão, concisão".

Jobim introduziu o Manual de Redação no Diário Carioca. Defendia a forma norte-americana de formar escritores por meio de manuais de estilo e de criar para seus

jornalistas o Style Book. Acreditava que cada redação deveria possuir "o compêndio de regras para bem escrever, na opinião do diretor do jornal", evitando, dessa forma que, por meio dessas normas o trabalho jornalístico se convertesse em literário.

É uma tentativa louvabilíssima para elevar o nível do relato jornalístico. (...) O Style Book não elimina, como se tem pretendido, a chance de que a obra do repórter atinja o nível da criação artística.

#### 4.3 Imprensa norte-americana

Para Jobim, a imprensa americana atingiu um alto padrão de objetividade porque foi tratada como indústria. "Os EUA são o único país onde os jornalistas não se envergonham de confessar que sua atividade não é desinteressada, mas faz parte de um negócio, um business".

Ele defendia o entendimento de que o jornal é uma empresa comercial e como tal deve ser tratado. Isso não invalidaria sua função social de informar o público e deixar que ele formasse sua própria opinião sobre fatos de interesse geral. Insistia que o jornalismo não era uma religião e que o jornalista não era um sacerdote. Compreendia que o poder do dinheiro tinha influência no jornal, mas que sua existência e sua força estavam cada vez mais vinculada à força financeira que conseguisse.

#### 4.4 Imprensa da América Latina

Já na América Latina, Jobim mostrava que existia um certo purismo em relação ao jornal: "(...) ninguém funda um jornal para negócio, para fazer dinheiro. Ele pode vir como um inesperado dividendo, normalmente ele é fundado para fins políticos".

Ele exemplifica com o caso do próprio Diário Carioca que se viu fechado várias vezes em época de agitação política. Cita também os casos de O Estado de S. Paulo e La Prensa, que desafiaram a ditadura: "o primeiro apropriou-se, por compra forçada, de 1940 a 1946; o segundo foi expropriado e só voltou ao seu dono depois da queda de Perón".

Sobre o imaginário popular acerca da função do jornal, Jobim dizia que o povo acredita que "o jornal tem um destino heróico a cumprir", e que a imprensa tem a função de defesa do cidadão. "Trabalhadores e estudantes quando se vêem ameaçados nos seus interesses, vão para o jornal".

A imagem idealista que se faz do jornal permanecia na mente das pessoas, mesmo com todo o processo de modernização por que passava a imprensa da época.

#### 4.5 Ética

Refletindo ainda sobre a questão comercial do jornal, Jobim insistia que "a imprensa é obra de homens, não de anjos" e que, pela sua própria natureza, a informação jornalística tinha um caráter superficial, em razão de seu processamento dentro de um tempo específico.

Reconhecia que era impossível publicar um fato depois que ele tivesse sido inteiramente apurado. Dessa forma, acreditava que não haveria jornalismo. Mas isso não impedia o repórter de buscar "a verdade pela objetividade das notícias".

Para Jobim, embora nenhum jornal pudesse realizar plenamente tal façanha, deveria perseguir esse ideal.

O que se pode exigir de um jornal é que ele seja honesto com seus leitores, os quais, aliás, não esperam dele que façam milagres e lhes apresente um quadro impecável, irretocável, irreatável, das coisas que sucedem na cidade, no país e no mundo.

O que se pode pedir do jornalista é que não use de má fé com seu público, induzindo-o a erro em matéria de fato, seja pela falsificação das notícias, seja pela sua omissão.

A ética do jornalista deve estar ligada com os padrões éticos de seu tempo, seguindo a profissão com a mesma ética que emprega em sua vida particular. Para Jobim, o homem é ético ou não é. Isso é que vai definir sua ética profissional.

Reconhece que "mais que nenhuma outra pessoa, o jornalista comete erros e injustiças". A necessária rapidez com que tem apurar e escrever faz com que seus juízos sejam apressados. Mas o importante é que o jornalista tenha dignidade para perceber e corrigir esses erros. "Humildade para o 'mea culpa' e coragem para a correção de suas faltas, eis uma virtude indispensável".

Jobim acredita que o leitor "conhece as fraquezas e eficiências do jornal num regime de imprensa livre". Mas acha que prefere a imprensa dentro dessa realidade do que substituída por uma controlada.

#### 4.6 Jornalismo e literatura

"O jornalista, mesmo no chamado mundo livre, tem a sua atividade crítica estreitamente balizada por uma série de tabus políticos, morais e materiais, de que o escritor já se libertou"

Danton Jobim

A defesa que Jobim faz do Manual de Redação está vinculada principalmente com a sua idéia de que jornalismo não é literatura, embora reconheça que a reportagem, o editorial, a crônica poderão ser escritas de forma harmônica e prazerosa. Apesar de atuarem com assuntos ligados com o humano, ele deixa claro que para o jornalismo só existem os fatos que interessam, ao contrário da literatura.

Acha que o jornalista não deve ter a preocupação de apurar tão bem sua linguagem como um escritor. Para justificar usa como exemplo a frase do ensaísta Aires da Mata Machado Filho:

"Não passa pela cabeça do jornalista guardar as palavras de cada dia, ao passo que o escritor que se preza não sossega enquanto não 'enfeixa em livro' as suas páginas, sempre elaboradas com a secreta intenção de perdurar".

Jobim não poupa críticas ao jornalista que se preocupa em escrever bem. Para ele, geralmente é um "escritor que não se realizou". E acha que nessas circunstâncias o jornalista deve abandonar a profissão e buscar seguir carreira de escritor.

Outra afirmação de Jobim é sobre a influência que o jornalismo tem sobre a literatura e vice-versa. Ele acredita que o jornalismo influencia muito mais a literatura do que o contrário, "em que pese à interação inevitável de ambos". E explica:

Quem não descobre à primeira vista nos grandes poetas - Garcia Lorca, ou exemplo, ou os nossos Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira - o vinco da influência jornalística?

Mostraram eles em muitas de suas produções como se pode captar a poesia das humildes ocorrências de rua ou de polícia sem afastar-se, mesmo, do estilo do repórter.

#### 4.7 Jornalismo e História

Da mesma forma que explica a diferença entre jornalismo e literatura, Jobim explica a diferença entre jornalismo e história. Ele diz que "o passado mais recente, o passado imediatamente anterior a hoje, o passado de ontem, este não é história, é jornalismo".

Acredita sim que os jornais serão, no futuro, uma fundamental fonte de pesquisa para os historiadores, tanto nas suas grandes reportagens como nas pequenas notas que contam sobre a vida em sociedade. E quanto mais exata a notícia, mais ela servirá como instrumento de apoio para o historiador entender uma época.

Mas insiste que a pretensão do jornalista de hoje não é fazer história:

"Faz, mas não escreve, limitando-se a fornecer aos historiadores os fatos concretos - pedra e tijolos que, ligados a materiais de outras origens, vão permitir as grandes obras interpretativas".

E voltando a criticar a opinião no jornal, Jobim conclui:

"E, por estranho que parece, não é o editorialista, com suas idéias, seus preconceitos e suas paixões, o que terá lugar de honra nos laboratórios de pesquisas histórico-sociais. Este lugar pertencerá ao repórter, que procura ser impessoal e isento nos seus relatos".

Barbosa Lima Sobrinho, que tentou convencê-lo a escrever um livro de memórias disse que:

"Era difícil, para Jobim, vencer a sua convicção de que tudo era efêmero e inútil e que lhe bastava a convicção de haver atravessado a vida com o sentimento de profunda dignidade que emana de seus exemplos e de sua tranqüila doutrinação."

#### 5. Referências Bibliográficas

Diário Carioca. Edição de 12/02/1952 - Fundação Biblioteca Nacional-RJ  
Dicionário-Histórico-Biográfico Brasileiro. São Paulo, Editora FGV.

GONÇALVES, Elias Machado. A necessidade da pesquisa aplicada no jornalismo digital. Artigo apresentado no GT Pesquisa em Jornalismo no VI Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo, na UFRS. Porto Alegre, abril de 2002.

JOBIM, Danton. Espírito do jornalismo. São Paulo: Com-Arte/Edusp, 1992

LAGE, Nilson. Para que serve um curso de Jornalismo. Artigo disponível em [www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br)

\_\_\_\_\_. Apostilas de Jornalismo. Disponível em [www.jornalismo.ufsc.br](http://www.jornalismo.ufsc.br).

MARQUES DE MELO, José. História do Pensamento Comunicacional. São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. ¿Modernidad o anacronismo? El dilema de las escuelas de comunicación en Brasil. Artigo disponível em [www.felafacs.org/dialogos](http://www.felafacs.org/dialogos).

SEGISMUNDO, Fernando. Os 95 anos da ABI. Artigo disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br>.

TARSITANO, Paulo Rogério. Luiz Beltrão: Vida e Obra. Artigo disponível em [www.metodista.br](http://www.metodista.br).

Sites pesquisados:

<http://www.jornalistas-rs.com.br>

<http://www.correioweb.com.br>

<http://www.metodista.br>

<http://biondi.fcl.com.br/facasper/jornalismo/almanaque>

<http://www.facom.ufba.br>

<http://www.cpdoc.fgv.br>

<http://www.releituras.com>

[http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/4366\\_3.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/4366_3.asp)

<http://www.uff.br>

<http://www.fundamar.com/clcorrespond.htm>